

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS *CAMPUS* SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DEISY DANIELA SANTOS SIQUEIRA

PRINCIPAIS DESAFIOS PARA A MULHER ARTISTA DO *GRAFFITI*

Sorocaba

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS *CAMPUS* SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DEISY DANIELA SANTOS SIQUEIRA

PRINCIPAIS DESAFIOS PARA A MULHER ARTISTA DO *GRAFFITI*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título/grau de licenciada em Pedagogia.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Sorocaba

2020

Siqueira, Deisy Daniela Santos

Principais desafios para a mulher artista do graffiti /
Deisy Daniela Santos Siqueira -- 2020.
44f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos
Lombardi

Banca Examinadora: Rosalina Burgos, Thífani Postali
Jacinto

Bibliografia

1. Graffiti. 2. Graffiti e mulher. 3. Graffiti e feminismo. I.
Siqueira, Deisy Daniela Santos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR


Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979


FOLHA DE APROVAÇÃO


DEISY DANIELA SANTOS SIQUEIRAPRINCIPAIS DESAFIOS PARA A MULHER ARTISTA DO *GRAFFITI*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título/grau de Licenciada em Pedagogia.

Sorocaba, 30 de Junho de 2020.

Orientadora: 
Prof.^a Dr.^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Examinador(a): 
Prof.^a Dr.^a Rosalina Burgos

Examinadora: 
Prof.^a M.^a Thifani Postali Jacinto

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres que cruzaram minha vida,

E em especial a que me deu à luz e tem me dado o mundo.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos que acreditaram, apoiaram, incentivaram e não desistiram de mim.

Agradeço a UFSCar e, principalmente, aos professores do curso de Pedagogia por fazerem de mim uma educadora, um ser crítico e acima de tudo humana.

Agradeço aos amigos que a tinta me trouxe, em destaque o Graças e o Discórdia que além de me incentivarem, abriram meus olhos para ver além das minhas limitações.

Agradeço imensamente às mulheres artistas grafiteiras que tive o privilégio de conhecer, principalmente a Maitê e a Marga que além de me apoiarem, contribuíram para que este TCC acontecesse.

Agradeço à minha orientadora Lucia Lombardi pela gentileza, sensibilidade, pela inspiração e simplesmente por ser quem é.

Agradeço aos amigos, os de longe, os de perto, os de longa data, os recentes e aos que a graduação me proporcionou em especial a Anna Carolina, Gabrielle e Vitor.

E por último e mais importante, agradeço à minha família, que em todos os momentos esteve ao meu lado e que eu amo incondicionalmente.

EPÍGRAFE

O graffiti na parede já defende algum direito, daquele jeito.

- RZO.

RESUMO

SIQUEIRA, Deisy Daniela Santos. **Principais desafios para a mulher artista do *graffiti***. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2020.

O presente trabalho surgiu da necessidade de compreender quais os desafios enfrentados hoje pela mulher artista do *graffiti*. Entendendo o *graffiti* como um dos quatro elementos que configuram o *Hip-Hop* e como um campo de atuação artística e de intervenção majoritariamente ocupado por homens, explorar o *graffiti* do ponto de vista feminino passou a ser um tema relevante tanto em âmbito pessoal como essencial para o campo da Arte, para que possa ser dada visibilidade às mulheres. O trabalho foi dividido em três capítulos, sendo estes, o “Memorial”, no qual relato sobre as experiências que me levaram ao mundo do *graffiti* até o momento da realização desta pesquisa; a “Metodologia”, trecho no qual apresento os caminhos pelos quais a pesquisa foi realizada, e o capítulo constituído pelo “Quadro Teórico”, que apresenta o referencial que sustenta o trabalho, entrelaçando a fundamentação com relatos orais e imagéticos de duas grafiteiras entrevistadas. A pesquisa investigou conceitos sobre a arte do *graffiti*, a história do *graffiti* feminino, as artistas grafiteiras conhecidas mundialmente e nacionalmente, os desafios da mulher artista, e a importância do *graffiti* na militância feminista. Os resultados da pesquisa indicam que compreender mais a fundo a história do *graffiti* feminino legitima e registra a presença e a resistência das mulheres artistas no cenário social e no espaço público, bem como estimula o debate sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: *graffiti*. *graffiti* e mulher. *graffiti* e feminismo.

ABSTRACT

SIQUEIRA, Deisy Daniela Santos. **The main challenges for the female graffiti artist.** 2020. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2020.

The present work arose from the need to understand the challenges faced by graffiti artist who is a woman. Understanding graffiti as one of the four elements that configure Hip-Hop and a field of artistic performance and intervention mostly occupied by men, exploring graffiti from the female point of view became a relevant subject both personally and essential for the field of Art, so that women can be given visibility. This work was divided into three chapters, that are the “memorial”, in which I report on the experiences that took me to the graffiti world until the moment of this research; the “methodology”, excerpt in which I present the different paths I carried out in this research and the chapter which was constituted by the theoretical framework. The research investigated concepts about the art of graffiti, the history of female graffiti, the world-renowned women graffiti artists and national ones, the challenges of the female artist, and the importance of graffiti in feminist militancy. The research results indicate that a deeper understanding of the history female graffiti legitimizes and registers the presence and resistance of women artists in the social scene and in the public space, as well as stimulating the debate on the women’s role in contemporary society.

Keywords: graffiti. graffiti and woman. graffiti and feminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – AF e seu duplo sentido: apoio para as mina e deboche para os macho.....	16
Figura 2 – Graffiti é arte feminista: minha arte fala! Voz para todas as mina silenciadas.....	17
Figura 3 – Mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museum?	19
Figura 4 – Primeira arte da Maitê no evento “Despertar das Flores”	33
Figura 5 – Graffiti Maiteap.....	33
Figura 6 – Margarida + amor	34
Figura 7 – Hora de se lembrar que só seu AMOR próprio sara	35
Figura 8 – Graffiti de Panmela Castro Frestas. <i>Antes que a censura apagasse</i>	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: NINGUÉM NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER.....	12
2. CAPÍTULO I. MEMORIAL	13
3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA	18
4. CAPÍTULO III. QUADRO TEÓRICO.....	23
4.1 O que é a arte do <i>graffiti</i>?.....	23
4.2 Qual a história do <i>graffiti</i> feminino e quem são as principais grafiteiras no cenário mundial/brasileiro?	24
4.3 Quais os desafios da mulher artista do <i>graffiti</i> e por que precisamos falar da mulher artista.....	26
4.4 A mulher na cena do <i>graffiti</i>: um estudo teórico e prático das experiências lidas e vividas.....	29
4.5 Qual a importância do <i>graffiti</i> na militância feminista.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
7. APÊNDICES	42

1. INTRODUÇÃO: NINGUÉM NASCE MULHER: TORNA-SE MULHER

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Foi a primeira frase que li do livro da Simone de Beauvoir “O segundo sexo: a experiência vivida”, que comprei como parte de um box da autora quando tive a oportunidade de ir à 20ª festa do livro da Universidade de São Paulo, em 2018. Apesar de ter feito outras leituras anteriores sobre feminismo, acredito que esse livro tenha me marcado de forma mais profunda a pensar sobre o “ser mulher”. Ele me fez indagar: como assim, ninguém nasce mulher, torna-se? O que a autora quis dizer com isso? Fiquei dias pensando sobre o tornar-se mulher.

Hoje entendo melhor o que Simone de Beauvoir afirmou. Existe todo um processo doloroso, opressivo, desigual e desumano do que é se tornar mulher. Não existe nenhum romantismo nisso, não é bonito termos que ser aquilo que foi determinado para nós. “Faça isso”, “não faça aquilo”, “feche as pernas”, “haja como uma mocinha”, “você já é uma mocinha”, “já dá pra casar”, “se continuar assim ninguém vai te querer”, “vai ficar pra titia”, “se não cuidar do seu marido, outra cuida”, “mulher tem que se pôr no seu lugar”.

Quantas dessas e outras tantas falas similares ouvimos por toda nossa vida? Tornar-se mulher em uma sociedade patriarcal – entendendo o patriarcado como um sistema social de dominação masculina sobre as mulheres –, é ser fruto de uma história agressiva que nos inferioriza, nos invisibiliza e não nos oferece o direito de sermos nós mesmas.

Se antes já havia em mim, um pouco de revolta em entender os machismos que nos cercam, após ler “O segundo sexo” a revolta acendeu em mim a vontade de fazer algo diferente. Foi quando passei a ter o *graffiti* como ferramenta de luta e também senti a necessidade de estudar o tema dos desafios das mulheres no *graffiti*.

Vi no *graffiti* uma forma de superar minhas limitações e dar um retorno de tudo que havia aprendido, todavia, no *graffiti* também existem opressões, assim como em inúmeros campos de atuação onde o papel da mulher não é o de cuidadora, conforme esperado socialmente. A partir daí foram surgindo os questionamentos: quais os desafios das mulheres artistas? Qual a história do *graffiti* feminino? Quem são essas mulheres? Qual a importância da militância feminista?

A investigação para responder a tais perguntas, ocorreu por meio de uma pesquisa bibliográfica e narrativa. Após dialogar diversas vezes com minha orientadora, e seguir confusa sobre os métodos utilizados, entendendo que eu também estava inserida no fenômeno a ser estudado, concluímos que a pesquisa narrativa poderia ser um caminho viável.

Para concluir, este trabalho ficou dividido em três capítulos, o “Memorial”, no qual relato minha experiência e o que me levou ao mundo do *graffiti*. A Metodologia”, trecho no qual apresento os caminhos pelos quais a pesquisa foi realizada, e o capítulo constituído pelo “Quadro Teórico”, que apresenta o referencial que sustenta o trabalho, entrelaçando a fundamentação com relatos orais e imagéticos de duas grafiteiras entrevistadas. Ele trata do que é o *graffiti*, a história do *graffiti* feminino, quais as grafiteiras em âmbito mundial e nacional, quais os desafios da mulher artista do *graffiti*, a cena do *graffiti* feminino e a importância da militância feminista no *graffiti*.

2. CAPÍTULO I. MEMORIAL: “Sigo procurando quem eu sou, sou o que quero ser. Sou ser humano, permita-se ser.”

Começo meu memorial – para o qual escolhi como título uma estrofe da música “Quem Sou Eu”, com composição do grupo de rap brasileiro que surgiu em Niterói, Rio de Janeiro, no ano de 2009, chamado “Oriente” –, abrindo meu coração de forma que nunca antes havia feito. É um resumo da minha história antes e depois do *graffiti* e do feminismo. Na esteira do diz a canção, eu sigo procurando quem eu sou, o que quero ser, declarando para o mundo que me permita ser o que quero e posso a cada momento da caminhada.

Para iniciar, penso que seja importante explicar algumas coisas sobre mim. Meu nome é Deisy Daniela Santos Siqueira, nasci em Sorocaba, estudei a vida toda em escolas públicas, sempre fui à igreja, porém hoje não frequento mais. Comecei a trabalhar com 16 anos, e não tinha perspectiva de ingressar em uma universidade, por algumas razões. Primeiramente, porque me bastava trabalhar e ter meu dinheiro. Em seguida, porque a ideia de estudar em uma universidade era inviável aos meus olhos, já que nem eu nem minha família tínhamos condições financeiras para custear uma graduação. Além disso, eu não sabia da existência das universidades públicas até o dia em que “caí de para-quedas” no cursinho pré-vestibular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho– UNESP, o qual eu também desconhecia. Trabalhei por vários anos em clínica médica e foi trabalhando no Centro Médico que um colega perguntou se eu gostaria de ir com ele fazer uma prova para cursinho pré-vestibular. Na época, decidi fazer a prova, mas sem muitas expectativas, afinal, não sabia nem o que queria fazer da vida e estava conformada em ser como era.

Consegui ser aprovada e iniciei meus estudos no Gerabixo – Cursinho Pré-Vestibular da Unesp de Sorocaba. Lá descobri a existência de universidades públicas e foi onde os professores fizeram surgir no meu coração a vontade de ser professora, bem como de ingressar na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar que até então era algo que eu jamais imaginei que poderia conquistar.

Em 2015 passei na UFSCar e desde então minha vida virou do avesso. Explico. Nasci acreditando que mulher sempre deveria ocupar um lugar secundário. Nossos pais reproduzem isso ao colocar como autoridade a figura do homem e pai. As igrejas nos impõem isso ao dizer que a mulher deve ser submissa ao homem. A escola se encarrega de reafirmar este tipo de pensamento quando nos ensinam ou reproduzem em suas falas conquistas somente advindas de homens. Todavia, algo que nunca fomos instigadas a questionar ou ao menos eu nunca fui instigada a questionar até então era: “e as mulheres? Quais são seus espaços, suas vozes, seus sonhos e realizações?”.

Essa foi uma pergunta que demorou a surgir dentro de mim, porque naturalizamos de tal forma o homem como o protagonista que invisibilizamos as conquistas das mulheres. Dizemos que mulheres são fortes, guerreiras, determinadas, romantizamos a mulher que é mãe, que cuida dos filhos sozinha, que trabalha e educa, mas quando temos a oportunidade de engrandecê-las, deixamo-las de lado.

Meu gosto por arte de rua não vem de hoje. Antes mesmo de ingressar na universidade passava andando de ônibus olhando as ruas de Sorocaba para ver o que ela teria de novo para eu apreciar. Lembro-me de uma vez ver um moço pintando bocas de bueiros e de ter ficado encantada, pois ele conseguiu dar vida para algo que jamais imaginei que pudesse ser apreciado. Boca de bueiros? Quem é que olha?

Também me recordo de ver em Sorocaba *graffiti* dos artistas Will Ferreira e Japs, apesar de não saber na ocasião de quem eram os desenhos. Os achava maravilhosos e, por ser construído socialmente em mim que realizações importantes são sempre feitas por homens, sempre que eu via algum *graffiti* associava à ideia de que quem o havia desenhado era um homem.

Passei a me interessar mais pela arte de rua e em uma conversa com um amigo, descobri o “Despertar das flores”. O Despertar das Flores é um evento que une grafiteiros de todos os locais de Sorocaba e região e ocorre um mutirão de *graffiti*. Foi neste evento que tive meu primeiro contato com uma mulher grafiteira.

Talvez seja um pouco difícil de expressar em palavras o que senti ao saber que uma mulher estava ocupando um espaço que até então aos meus olhos era ocupado somente por

homens. Admiração e esperança dominaram meu coração, pois eu estava presenciando ali o efeito que uma mulher pode ter na vida de outra mulher, a plena sensação de que se ela pode, eu também poderia um dia.

Foi a partir daquele momento que as coisas começaram a mudar para mim. Apesar de faltar coragem para pintar nas ruas e não ter nenhuma habilidade artística, eu vivia rabiscando sempre que podia. Até que em 2017 ganhei um sorteio de oficina de *graffiti* na WALLS Graffiti & Urban Shop (uma loja de Sorocaba que vende diversas tintas para *graffiti*.) com o artista grafiteiro vitorantinense Danilo de Carvalho Rek e tive então, meu primeiro contato com *spray*. Após isso, todas as oportunidades de aprender um pouco mais sobre a arte urbana que me surgiram, eu aproveitei. Fiz oficina de Lambe-Lambe com o Discórdia, fiz oficina de Stencil com os grafiteiros Will Ferreira e Michel Japs no projeto Historiarte, participei de todos os eventos que envolviam o Hip-Hop, todavia, mesmo assim, ainda não me sentia segura o suficiente para fazer um *graffiti* nas ruas.

Em paralelo a estes acontecimentos, estudar na UFSCar me proporcionou algo que eu até então jamais havia vivido. Essa constante construção, desconstrução e reconstrução de pensamento é um exercício fascinante e eleva a mente a níveis que nunca imaginei que seria capaz de alcançar um dia.

Descobri o feminismo neste ambiente. Ambiente de educação, de diálogo, de muito estudo e de formação de pessoas. Ao menos no curso de Pedagogia posso dizer com plena convicção que mesmo as mentes fechadas saem dali com muitas outras visões de mundo, e a minha visão de mundo mudou significativamente.

Talvez pela minha formação enquanto estudante de Pedagogia e por todas as aulas que me trouxeram esperança de um mundo melhor, mais humano e menos patriarcal que decidi me permitir ter a experiência de grafitar e superar uma insegurança que me corroía.

Em 2019 prometi para mim mesma que me superaria e coloquei como meta fazer 12 *graffiti*, um para cada mês de superação. Digo que me superaria porque muitas coisas nos fazem travar e o medo principalmente é uma delas. Eu tinha medo do que iam achar dos meus desenhos, medo de estar na rua sozinha, medo de ser julgada ou inferiorizada, medo de não me sentir pertencente, medo de me arriscar, medo por ser mulher.

Em janeiro de 2019 fiz meu primeiro *graffiti*, escrevendo as letras “AF”, o que acabou se tornando minha *tag*. Escolhi “af” porque é uma expressão que usamos bastante para expressar algo que nos incomoda, que desaprovamos ou algo nesse sentido e também AF é abreviação de Arte Feminista. Então seria “af” para os “macho” e “arte feminista” para as “mina”.



Figura 1. “AF e seu duplo sentido: apoio para as mina e deboche para os macho”. Fotos de William Ferreira. Foto ensaio de Lucia Lombardi. Acervo pessoal da autora. Disponíveis em: <https://www.instagram.com/af.dsy/?hl=pt-br>

Depois disso, muitas coisas aconteceram. Fiz mais de 30 *graffiti* no decorrer do ano, ao invés de grafitar “AF” passei a fazer uma mão fechada simbolizando resistência e em volta de cada mão colocava frases para mulheres de forma que estas se reconhecessem e interagissem com minha arte.

Não imaginei de forma alguma que alcançaria tantas mulheres. Recebi inúmeras mensagens de elogio e muito apoio de mulheres que eu nem conhecia. Tive a oportunidade também de participar de eventos e exposições, o que me fizeram compreender tamanha importância da representatividade e do reconhecimento da mulher neste espaço da arte urbana.

Hoje compreendo o quanto ser mulher em uma sociedade machista é algo que nos adoce, compreendo que nossa união é o que faz de nós mulheres sobreviventes, compreendo que a naturalização de atitudes machistas deve ser repreendida. Compreendo que mulher também pode e deve ser protagonista da sua história, que ainda que a curtos passos, estamos caminhando rumo a uma configuração de sociedade que seja menos desumana e que nos acolha como precisamos. Compreendo que ser mulher nunca será algo fácil, mas que juntas somos melhores. Compreendo que não estamos sozinhas, pelo contrário, agora somos a voz, a luta, a força, a união, a tinta na rua. Esses pensamentos foram a motivação para que eu desse início a esta pesquisa.

Tanto pela minha formação acadêmica como educadora e agente de transformação, quanto pela minha trajetória no *graffiti* que teve início tardio, com pouca representatividade e pouco incentivo, mas mesmo assim, importante, principalmente para compreender que a arte de rua é um espaço para todos e todas.



Figura 2. “*Graffiti é arte feminista: minha arte fala! Voz para todas as mina silenciadas*”. Foto de Vivian Piloto. Acervo pessoal da autora. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B4fUFocH_mN/

3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA

Deixamos que o objeto de pesquisa nos contasse quais procedimentos eram mais adequados para seu estudo. Diante do objeto, nos colocamos abertas – eu e a orientadora desse trabalho – para descobrir qual caminho deveria ser trilhado para o tema ser mais profundamente compreendido. Com o problema de pesquisa definido, o levantamento bibliográfico sendo realizado, nas sessões de orientação fizemos muitas conversas sobre as possíveis formas para coletar dados em campo, para definir ambientes e contextos, identificar grafiteiras, estruturar diálogos.

A metodologia de cada pesquisa pode se dar por meio de algumas misturas de procedimentos, dependendo dos propósitos da investigação científica e das necessidades de construção do trabalho. Neste sentido, identificamos a necessidade de escutar algumas mulheres grafiteiras para além de realizar análises teóricas e refletir sobre meu próprio trabalho, pois escutar outras artistas falando de forma organizada sobre seu trabalho e suas vivências, ajudaria a responder à questão de pesquisa. Assim é que chegamos à definição de que esta é uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter bibliográfico e de pesquisa narrativa.

Pesquisa narrativa é uma forma de entender os fenômenos, em um processo de colaboração entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa. As narrativas das grafiteiras foram obtidas por meio de entrevistas por *whatsapp* e conversas pessoalmente que anotei em minhas notas de campo junto a registros imagéticos. Procuramos construir sentidos para o fenômeno do graffiti de mulheres a partir de suas experiências, entrelaçadas com as minhas, já que sou tanto autora do trabalho, como mulher grafiteira, que pesquisa, desenha, pinta e escreve.

De acordo com Malheiros (2011, p. 92), a pesquisa narrativa tem três características fundamentais:

As pesquisas narrativas têm três características fundamentais: são cronológicas, significativas e sociais. Cronológicas porque seu desenvolver segue a linha do tempo em relação aos acontecimentos que narra, significativa porque devem considerar somente os fatos que contribuam para responder ao problema que foi proposto, e sociais porque não almejam conhecer a história de uma pessoa específica, mas utilizá-la para entender tal fenômeno em uma visão maior.

Assim, trazemos os relatos orais e imagéticos das grafiteiras Maitê e Margarida. Elas autorizaram o uso de suas falas e das imagens de sua arte por meio de assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (modelo do termo em APÊNDICE A – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO). Utilizamos seus nomes verdadeiros e não nomes fictícios, porque acreditamos em marcar e defende-las como artistas, marcando o lugar

da mulher artista em nossa sociedade, tal como fazem Ana Mae Barbosa e Vitória Amaral (2019) e Lilian Maus (2014).

Vale lembrar aqui a luta empreendida pelo Coletivo Guerrilla Girls, grupo de artistas feministas que atua há mais de trinta anos por meio de denúncias a museus pelo machismo. Elas estiveram no FRESTAS Trienal de Artes de Sorocaba em 2017, apontando para o preconceito e condutas misóginas na política de constituição de acervo dos museus. No famoso cartaz em que utilizam a imagem de A Grande Odalisca, de Ingres, com a cabeça de um gorila, lemos a frase “As mulheres precisam estar nuas para entrar no Metropolitan Museum? Menos de 5% dos artistas nas seções de arte moderna são mulheres, mas 85% dos nus são femininos”.



Figura 3: *Mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museum?* Fonte:

<https://www.guerrillagirls.com/2017-frestas>

Lilian Maus (2014) afirma que desde a realização do cartaz até hoje, pouco dessa política tem mudado. Em 2011, segundo aponta o artigo de Nina Rahe “Mulheres ainda são minoria na arte?” (2013), um novo levantamento do grupo foi realizado, no qual se constatou que diminuíram tanto a quantidade de mulheres nas seções de arte moderna e contemporânea (de 5% para 4%), quanto a de nus femininos (de 85% para 76%). Dados como esses nos impulsionam a defender nossa arte.

Para a parte bibliográfica da pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico nas seguintes plataformas de dados: *Scielo* (ScientificElectronic Library Online), biblioteca online da USP e biblioteca online da UFSCar. Entendendo que a expansão do movimento *graffiti* e o

feminismo vêm acontecendo e se transformando ao longo dos anos, a escolha das palavras-chave para a realização de buscas no levantamento bibliográfico foi resultante da junção destes dois fenômenos. Desta forma, busquei pelas palavras-chave: *graffiti*, *graffiti* e *mulher*, *graffiti* e feminismo.

A razão pela qual nas tabelas a seguir o termo em inglês (*graffiti*) e não em português (grafite), foi utilizado como palavra-chave para realizar o levantamento bibliográfico, bem como é o termo escolhido para se referir a esta arte ao longo do trabalho, é que ao realizar buscas nas bases de dados com a palavra “grafite”, surgem resultados relacionados ao grafite como mineral, e não à arte em questão.

Para a escolha das referências citadas nas tabelas realizei leituras superficiais e pré-selecionadas, que de acordo com Malheiros (2011), seriam leituras do resumo e sumário das obras que auxiliam no processo de compreensão e identificação dos textos que possam condizer com a pesquisa. Abaixo seguem as tabelas de dados:

TABELA 1 – SCIELO – SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE

SciELO - Scientific Electronic Library Online			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
<i>Graffiti</i>	22	1	SEQUEIRA, Ágata Dourado. As mulheres que pintam na cidade: Representações de género na arte urbana. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher , Lisboa, n.40,dez. 2018, p.41-60. Disponível em< http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852018000200005&lng=pt&nrm=iso >. acesso em 29 jul. 2019.
<i>Graffiti e mulher</i>	2	1	ASSIS, Sissa Aneleh Batista de. A mulher e a arte urbana amazônica : o grafite feminino de Drika Chagas. <i>Estúdio</i> , Lisboa, v.3, n.5, p.86-90, jun. 2012. Disponível em < http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_artte

			xt&pid=S1647-61582012000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 set. 2019.
Graffiti e feminismo	1	0	

TABELA 2 - BIBLIOTECA ONLINE DA USP

BIBLIOTECA ONLINE DA USP			
Paavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Graffiti	52	3	<p>FIGUEIREDO, Ana Luísa Silva; LOPES, Ruy Sardinha. Mulheres e o Urbano: apreensão do graffiti na região metropolitana de São Paulo. In: 4º Seminário de Acompanhamento do Programa de Pós-Graduação e Arquitetura e Urbanismo do IAU/USP, 2017, São Carlos. Anais do Seminário de Acompanhamento do Programa de Pós-Graduação e Arquitetura e Urbanismo do IAU/USP, 2017. v. 1. p. 163-166. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0Bxp3SQ8jv9HBb1FHS3IHWUdUd2s/view>. acessos em: 29 jul. 2019</p> <p>FIGUEIREDO, Ana Luísa Silva; LOPES, Ruy Sardinha. O que se fala quando se pinta: narrativas grafiteiras da metrópole de São Paulo. In: Cadernos de Resumo do 5ºSeminário de Acompanhamento do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo IAU-USP. São Carlos: IAU-USP, 2018, p. 44-47Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/124rWKtXzyzFJqzcm7YF6-9Wfs2yinTi/view>. acessos em 29 jul 2019.</p> <p>FIGUEIREDO, Ana Luísa Silva; LOPES, Ruy Sardinha. Mulheres no graffiti: perspectivas da prática em contexto metropolitano. 2019.Universidade de São Paulo, São Carlos, 2019. Disponível</p>

			em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-09092019-092839/ >acessos em 16 set. 2019.
Graffiti e mulher	1	0	
Graffiti e feminismo	0	0	

TABELA 3 – BIBLIOTECA ONLINE DA UFSCAR

BIBLIOTECA ONLINE DA UFSCAR			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
<i>Graffiti</i>	5	0	
<i>Graffiti</i> and mulher	0	0	
<i>Graffiti</i> and feminismo	0	0	

Considero importante ressaltar, que em meu levantamento bibliográfico, em busca de artigos e publicações sobre o tema, muito se fala sobre o *graffiti*, como exposto pelo número de referências encontrado no total, mas pouco se fala sobre as mulheres neste ambiente. Fiz diversas leituras sobre o tema *graffiti* e ainda que considere importante compreender o movimento como um todo, o foco da minha pesquisa são as mulheres artistas do *graffiti*, e a ausência de literaturas disponíveis me fez repensar o quanto é um campo a ser explorado.

Dentre as literaturas encontradas, é possível constatar também o encontro de três autoras mulheres e um autor homem que contemplavam o que me propus a pesquisar, sendo o autor homem orientador de uma das autoras, o que nos leva pensar que se trata de um assunto especificamente de interesse de mulheres.

No decorrer do andamento desta pesquisa, encontrei outros materiais e artigos sobre mulheres artistas do *graffiti*, todavia, as palavras-chave eram diferentes das quais pesquisei anteriormente, o que explica a ausência de tais na tabela acima, e apesar de poucos, ainda posso

reafirmar que todos os artigos encontrados foram escritos por outras mulheres e me acrescentaram muito no processo de construção da escrita deste trabalho.

4. CAPÍTULO III. QUADRO TEÓRICO

4.1 O que é a arte do *graffiti*?

O *graffiti*, assim como a arte, está presente na história da humanidade desde a antiguidade. Compreendendo que a origem da palavra *graffiti* ou grafite no português vem do italiano “*graffito*” que significa rabisco a ponta ou a carvão em sua tradução, fica subentendendo que este já se fazia presente há muito tempo.

Os registros nas cavernas conhecidos como pinturas rupestres são o melhor exemplo dos primeiros *graffiti* no que diz respeito à história da arte. Das pinturas rupestres, muito embora não exista uma resposta exata sobre suas representações, estas expressam uma linguagem simbólica própria que muito se assemelha ao *graffiti* como ele se ressignifica hoje.

O *graffiti* então transitou por várias etapas nas décadas que se passaram, desde os murais nos túmulos egípcios, como na II Guerra Mundial quando os nazistas pintavam as paredes como forma de propagar e provocar o ódio aos judeus e seus descendentes. Também foi incorporado como forma de resistência e método de fazer pública a oposição na época da II Guerra Mundial e nas décadas de 1960 e 1970 nas revoltas estudantis, os estudantes franceses recorreram ao *graffiti* para manifestar seus interesses e protestos através os cartazes e pôsteres feitos com a técnica hoje conhecida como *stencil*.

No início da década de 1970, em Nova Iorque e suas regiões periféricas o movimento do *Hip-Hop* se expande, e dentro deste movimento, são reconhecidos quatro elementos que o compõem, sendo estes o Rap, o Break, os DJ’s e o *graffiti*. O *graffiti* então passa a ser reconhecido como um novo movimento artístico. Carregado de revolta, de expressão e subversão. Incorporasse ai um novo significado para a palavra “*graffiti*”, este advindo do inglês e plural da palavra italiana *graffito*, passa a designar a arte urbana no sentido de intervenção mediante ao espaço urbano.

O *graffiti* em sua linguagem técnica se configurava na utilização do spray para a realização da arte em espaços abertos, como muros, calçadas, postes, viadutos, sendo um convite para interação entre o artista e o consumidor de sua arte.

Aqui no Brasil, segundo Gitahy (1999), já havia um movimento e a introdução do spray como linguagem artística desde 1950. Murais narrando temas da história da arte e arte brasileira feitos por Di Cavalcanti confirmam este movimento, todavia, o *graffiti* só se consagra e conquista maior espaço midiático em 1980.

A partir de 1980, a trajetória do *graffiti* no Brasil se expandiu e se reconfigurou significativamente, sendo no início características marcantes do *graffiti* ele ocorrer de forma não autorizada e sempre utilizando o spray na realização da arte. Hoje mesmo sendo um debate que se perpetua sobre as características do ato de grafitar, este se popularizou passando a ser visto como arte legítima, bem como inúmeros eventos de *graffiti* autorizado começaram a surgir, e artistas passaram a utilizar de outras técnicas além do spray.

Neste sentido, é válido lembrar que a lei 9.605/98, art. 65 tratava o *graffiti* e a pichação da mesma forma, como crime plausível de punição, entendendo-os como poluição visual, ficando claro o quanto o *graffiti* era marcado como cultura marginal ou subcultural, bem como, não era visto como arte em si.

Em 2011, no governo Dilma Rouseff, a lei foi alterada no inciso 2º incluído pela lei 12.408/11 passando a desconsiderar a prática do *graffiti* como crime, sendo agora vista uma manifestação artística e uma forma de valorizar o patrimônio público ou privado desde que consentida pelo proprietário.

Com isso, ampliasse a visão do que é o *graffiti*, e dá-se a este o título de democratizador da arte propriamente dita, como já citava Gitahy em seu livro “O que é graffiti”, 1999 pg 6:

Não existe graffiti ou quem produza de forma não democrática. Aliás, o graffiti veio para democratizar a arte, na medida em que acontece de forma arbitrária e descomprometida com qualquer limitação espacial ou ideológica. Todos os segmentos sociais podem vir a ser lidos pelos artistas do graffiti, assim como seus símbolos espalhados pela cidade podem ser lidos por todos.

O *graffiti* por fim, passa a ser entendido como a arte expressa publicamente. A arte em sua mais livre expressão, a cultura marginalizada ao alcance de todas as pessoas.

4.2 Qual a história do *graffiti* feminino e quem são as principais grafiteiras no cenário mundial/brasileiro.

Tive certa dificuldade em dar andamento a este capítulo, visto que encontramos poucos artigos que falem sobre a mulher na história do *graffiti*, bem como, os artigos produzidos sobre

o tema “*graffiti*” são em sua maioria escritos por homens, ou seja, uma perspectiva diferente da qual venho buscado.

Com base nas leituras sobre o entendimento da mulher no espaço da arte, sobre a história do *graffiti* e sobre minhas vivências enquanto mulher, é possível afirmar que a história do *graffiti* feminino assim como de outras histórias da arte no que diz respeito ao espaço da mulher foi invisibilizada. Digo isso, primeiramente pela minha experiência em um dos encontros de professoras/es do Museu de arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), cujo tema era “Histórias das mulheres, histórias feministas: uma conversa sobre silêncios e visibilidade nas artes”, em que em uma das palestras realizada por Mariana Leme, curadora da exposição. Ela trouxe para o público o tema “Histórias das mulheres: artistas até 1900”, e em sua palestra relata o quanto a história das mulheres artistas foram invisibilizadas, e o quanto foi difícil encontrar dados e históricos de mulheres da época, fazendo contraponto com os homens que na mesma época eram exaltados por suas belas artes.¹

É preciso compreender que o contexto da época, o patriarcado, a configuração social e a forma de se ver a mulher na sociedade eram mais rígidas, mulheres tinham pouco ou quase nenhum direito, além de suas vidas estarem diretamente ligada aos afazeres domésticos, e aos cuidados maternos – pensando nas mulheres brancas e burguesas da época – porém, o que vemos hoje não foge muito do que aconteceu no passado. O *graffiti*, por exemplo, é uma arte majoritariamente ocupada por homens e estes aparecem com grande destaque, enquanto as mulheres, quando aparecem, não são vistas da mesma forma.

Em minha busca sobre a história do *graffiti* feminino quase nada encontrei além do que está no livro “O que é *graffiti*” de Celso Gitahy, em seu capítulo “*Graffiti* enquanto arte”, em que o autor menciona algumas mulheres entre as pioneiras do *graffiti* em Nova Iorque, sendo elas a Barbara 62, Eva 62 e Lady Pink. E é válido destacar que em seu livro este discorre bastante os feitos da maioria dos homens precursores do *graffiti*, mas pouco se fala sobre as três artistas. Além do livro de Gitahy (1999), encontrei na tese de mestrado de Figueiredo (2019) informações relevantes sobre as precursoras do *graffiti*.

Em minha busca sobre as artistas, nada encontrei sobre a vida pessoal e nem sobre a trajetória de Barbara e Eva. O que encontrei e não se trata de um documento acadêmico, mas sim um site, chamado www.nemrudenemdelicada.com.br que fala sobre a mulher do *graffiti* e onde encontrei algumas informações sobre Lady Pink.

¹ No contexto de realização das exposições *História das mulheres: artistas até 1900* e *Histórias feministas: artistas depois de 2000*, o MASP Professores de setembro tratará da presença das mulheres nas artes visuais. “Histórias das mulheres: artistas até 1900” aconteceu no dia 21/09/2019.

Segundo o site, Sandra Fabara, conhecida como Lady Pink iniciou sua trajetória em 1970 como grafiteira, sendo pioneira entre as mulheres artistas em Nova Iorque. Expôs suas artes em galerias e teve papel importante na transformação do *graffiti* para artes plásticas e segue atuante até os dias atuais como artista e grafiteira.

No cenário nacional, temos como pioneira mais reconhecida a artista Nina Pandolfo, conhecida por seus desenhos de meninas de olhos grandes e expressivos, teve sua trajetória no *graffiti* marcado logo na adolescência quando realizou um curso de comunicação visual em SP. Nina ficou mundialmente famosa por seus trabalhos, tendo exposto suas artes em diversos lugares. Além de Lady Pink e Nina Pandolfo, outras mulheres fazem parte do universo do *graffiti* no Brasil, como: Panmela Castro, MagMagrela, Kueia (hoje se identifica como Kueio), Minhau, Mari Pavanelli, Lala Luz, Hanna Lucatelli, Nenê Surreal e Drika Chagas. E outras não tão conhecidas, mas que também representam muito o universo do *graffiti* feminino como a Crica, Karina Toledo, Bruna Santos, Cona, Agridoce, Anavi, Lia Fenix, LidiaViber, Nate Marçal. Dentre as grafiteiras em âmbito mundial, podemos destacar: Lady K-Fever, Egr, Swoon, Miss Van, Faith 47, Lady Aiko, Vexta, Vinie, entre outras.

Atualmente inúmeras mulheres vêm ocupando espaço nas ruas através do *graffiti*, apesar de em menor escala em comparação aos artistas homens. As artistas citadas são apenas uma parcela de mulheres já tidas como referência e outras que descobri estudando sobre o tema. Acredito ser relevante ressaltar também que a maioria das mulheres cujas quais são citadas neste trabalho entende o *graffiti* como instrumento de luta e resistência, além da arte exposta, portanto, contribuem para a ressignificação da arte e denúncia dos machismos estruturais no ambiente artístico.

4.3 Quais os desafios de uma mulher artista do *graffiti* e por que precisamos falar da mulher artista.

Para a mulher artista existem dois grandes desafios impostos. O primeiro diz respeito ao “ser mulher”, e o segundo ao “ser artista”. À mulher cabe pensar o quanto sua constituição como pessoa é impositiva. Historicamente mulheres são designadas para papéis reprodutivos, como cuidadoras e responsáveis pelos afazeres domésticos, em contraponto, homens são instituídos por um papel produtivo, de “provedor do lar”. Somente após a revolução industrial as mulheres (brancas) passam a assumir também o papel produtivo e apesar de ser uma conquista para nós mulheres, a função reprodutiva ainda continuou enraizada como papel das mulheres, resultando assim na sobrecarga que reconhecemos como dupla jornada.

A dupla jornada interfere diretamente nas dificuldades que uma mulher enfrenta ao escolher sua profissão pois, ela precisa se preocupar em ser produtiva e reprodutiva. Sua jornada não se encerra ao sair de um expediente, a casa torna-se uma extensão do seu trabalho. No suplemento denominado “Outras Formas de Trabalho da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua” (PNAD Contínua), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 26/04/2019, verificou-se que as mulheres dedicaram, em média, 21,3 horas por semana com afazeres domésticos e cuidado de pessoas em 2018, quase o dobro do que os homens gastaram com as mesmas tarefas – 10,9 horas.

Quanto ao “ser artista”, este nunca foi papel fácil. A desvalorização e os desafios de ser artista perpassaram décadas e ainda continuam sendo pauta nos dias atuais. O debate e a hipervalorização de outras profissões tidas como mais importantes, bem como a desconsideração do artista como profissional são discussões pertinentes e de grande relevância. Para elucidar um pouco mais sobre tamanha desvalorização e o quanto reproduzimos e reafirmamos a arte como inferior, Ana Mae Barbosa em um vídeo produzido pelo SESC, traz reflexões acerca do nosso próprio vocabulário e vícios de linguagens cotidianas pejorativas que ferem a valorização da arte.

A Arte/Educadora traz alguns exemplos, tais como quando algo deu errado para pessoa, ela “dançou”, quando uma criança está chorando, ela faz “drama/teatro”, quando alguém não entende algo é preciso “desenhar” para ela. Ou seja, em nossas falas reproduzimos essa desvalorização da arte, sobretudo relacionando à arte a uma conotação negativa. Ana Mae Barbosa também afirma a importância do processo de deconolização das artes e de empatia para com a arte, independente da classe social, rompendo com a ideia de que as artes devem servir somente à elite, portanto só a elite deve consumi-la. Pelo contrário, a falta de contato com a arte é que nos distancia dela, a arte deve ser para todos, valorizada por todos e somente através de uma educação e uma reeducação dos nossos valores formados socialmente é que poderemos romper com essa ideia de inferioridade.

Portanto, o conjunto “ser mulher” e “ser artista”, é duplamente desafiador, no caso de uma artista do *graffiti*, posso classificar como um desafio triplo, pela desigualdade de gênero, fatores sociais patriarcais, pela desvalorização da arte e pelo ambiente hostil que é o cenário urbano.

No artigo traduzido da autora Linda Nochlin, intitulado “Por que não houve grandes mulheres artistas?”, esta coloca em cheque alguns argumentos do que é ser um “grande artista” bem como indaga de forma crítica a ausência da mulher no campo das artes, expondo o quanto se pensava o artista de forma errônea, dando créditos a “genialidade” dos artistas homens,

desconsiderando todo o contexto histórico e social que demarcava a vida das mulheres, as colocando em situação de talento inferior aos deles, portanto não sendo dignas de serem reconhecidas como grandes artistas, o que é uma grande injustiça.

Viviane Magro, em sua tese de doutorado de 2003, aponta para o fato de que a invisibilidade da mulher também nas produções acadêmicas e evidência o quanto elas não são vistas e entendidas como produtoras culturais, bem como não possuem papel ativo nas produções artísticas. Também afirma que se faz imprescindível a inclusão de mais as mulheres nas análises acadêmicas, pois assim, estas alcançarão maior visibilidade e possibilidade de negociação de espaços no campo das artes, além de colaborar no impacto dos diferentes tipos de resistência, representação e ressignificação do que é ser mulher-artista na sociedade contemporânea.

Além do importante papel das produções acadêmicas e trabalhos que visibilizem a mulher-artista, a internet e as redes sociais também têm colaborado bastante para que esse reconhecimento e visibilidade aconteçam entre as mulheres (SEQUEIRA, 2018, p. 50):

Deste modo, a internet assume-se como um elemento que permite que estas mulheres afirmem a sua prática de graffiti contra os estereótipos de gênero do meio, ao mesmo tempo em que lhes permite conectarem-se com outras mulheres que pratiquem graffiti, de forma a não se sentirem isoladas. Comunidades virtuais como esta têm para estas mulheres o efeito não apenas de combater estereótipos de gênero de um meio subcultural extremamente masculinizado, mas também de lhes permitir a elas mesmas performativizar as suas identidades nessa subcultura, afirmando e validando a sua presença, e tornando-a progressivamente mais visível e aceite.

Segundo Sequeira, ao relatar as experiências de mulheres na arte urbana, bem como o posicionamento destas no que diz respeito ao gênero na arte, cada uma segue uma linha de pensamento, mas em todas, a problemática do gênero é presente. Algumas artistas dão preferência em usar de traços mais femininos para reafirmar sua existência, outras preferem desenhos mais neutros para que não haja diferenciação na apreciação do trabalho, visto que os “melhores *graffiti*” são automaticamente relacionados aos homens, e há artistas que se preocupam somente em produzir a arte, e esperam que esta seja apreciada pelo que ela é, e não por quem a fez.

Todavia enquanto não houver um equilíbrio entre os artistas e as artistas e não for rompida essa ideia da arte adjetivada, “arte da mulher” “arte afro” “arte e algum outro adjetivo” não haverá superação e apreciação da arte por si só, portanto é fundamental que mulheres se manifestem e se posicionem, ocupando o máximo de espaço possível, até que estes sejam reconhecidos em mesma escala.

Então, qual é o real desafio da mulher artista do *graffiti*? É a superação do sistema patriarcal e machista, sistema este que nos sobrecarrega enquanto mulher e artistas. No ambiente de rua - que é o cenário de produção artística das grafiteiras - isso se expande, porque trata-se de um ambiente que não há segurança, estamos diretamente expostas. Cabe às grafiteiras, além da preocupação e sobrecarga de sua jornada diária, pensar no tipo de roupa que devem usar ao sair, quais ruas podem desenvolver sua arte, se é possível realizar seu trabalho sozinha ou se precisa estar acompanhada, porque as ruas, assim, como tantos outros ambientes não é receptiva para mulheres.

E justamente por tamanhos desafios e para combater o machismo estrutural se faz importante falar da mulher artista, dando visibilidade e reconhecimento ao trabalho da mulher na arte, sendo esta a premissa para a transformação e ressignificação do que é ser artista mulher.

4.4. Mulheres na cena do *graffiti*: estudo teórico e prático das experiências lidas e vividas

Quando se vê um *graffiti* na rua, imagina-se que foi uma mulher que o fez? Pensar na mulher como protagonista da arte infelizmente ainda é um desafio nos dias de hoje. No que diz respeito à arte de rua, penso que seja ainda mais difícil. Devido a nossa configuração social, ao patriarcado, ao machismo, e a inúmeras opressões que as mulheres vivenciam desde sua infância, é custoso imaginar que uma mulher possa ser uma artista urbana (grafiteira).

Acredito que este capítulo colabore reflexivamente como uma partilha das minhas vivências em conjunto com as leituras realizadas e as falas de outras mulheres, amigas, que também são artistas na cena do *graffiti*.

Para elucidar melhor o que é ser mulher na cena do *graffiti*, levanto algumas frases que já ouvi de homens e que amigas próximas também já ouviram em sua trajetória como grafiteiras:

“Nossa, mas foi você mesmo que fez?”

“Daora uma mulher fazer essas coisas”

“Mas e aí, você não tem namorado não né? Não “embaça” você sair pintar?”

“Foi uma mina mesmo que fez? Pare, nem deve ser”.

“Mas você não acha que isso é coisa pra homem?”

“Vai colocar florzinha no meio do painel? Melhor não hein...”

“Essa flor tá meio torta”

Em contraponto, apresento também algumas falas de mulheres sobre meus trabalhos e os trabalhos de algumas amigas:

“Aquele graffiti que você fez passa uma mensagem muito boa, me apaixonei”.

“Gostei muito, queria saber desenhar como você”

“Tenho muita vontade de grafitar, adorei sua arte, acho muito lindo isso de incentivar e colocar frases”.

“Você é f..., tenho maior admiração por você e pelo seu trampo”

“Você tem sido inspiração pra mim”

“Sinto muito orgulho em ver uma mulher representando”

“Quando vejo suas artes, me sinto representada, como se não estivesse sozinha”

Tanto as falas dos homens como as das mulheres aqui elencadas, são em sua maioria de pessoas que não fazem parte da cena do *graffiti*. E vemos a diferença gritante da reação do ponto de vista masculino, para o feminino. Para os homens, de forma generalizada existe uma ideia de que uma mulher não pode fazer um graffiti de alta qualidade e que por sermos mulheres, automaticamente nosso desempenho deve ser inferior, sendo assim quando descobrem que foi uma mulher que fez um *graffiti* considerado “daora”, passa-se a ver defeitos que antes não existiam.

Já para as mulheres, uma mulher grafiteira é vista como uma inspiração. Não somente por sua arte, mas principalmente pela sua representatividade. Para elas, uma mulher ocupando espaços urbanos (considerados hostis e masculinos) é uma forma de resistência e de pertencimento.

Acredito ser importante ressaltar também que para os homens grafiteiros da região de Sorocaba (que são os quais tive maior contato e oportunidade de diálogo), ao menos atualmente, essa imagem distorcida das mulheres na cena do *graffiti* vem se reconfigurando e se desconstruindo. Estes demonstram acreditar em nosso trabalho enquanto grafiteiras e compreendem que estamos ocupando nosso espaço na cultura urbana também. Existe bastante incentivo, e uma abertura para a reflexão quando levantamos questionamentos sobre a resistência da mulher nestes espaços.

Em vários relatos das vivências femininas em todos os elementos do Hip-Hop, existe a questão do “não se sentir pertencente”, ou “não se sentir segura” por ser um ambiente com pouca representatividade feminina, ou seja, ao ver um *graffiti* feminino supera-se a ideia de

somente um “desenho na parede” e passa a ter uma dimensão social e cultural de apoio e incentivo para que outras mulheres também comecem a ocupar estes espaços.

Minha experiência especificamente não foi muito diferente. Quando comecei a me interessar pela arte de rua, tive a oportunidade de participar de uma oficina de *graffiti* em 2017, mas pela falta de representatividade feminina, pelo medo de sair sozinha e pela insegurança de sair para grafitar com homens, por não saber exatamente sua intencionalidade ao me convidar para grafitar até então, me sentia bloqueada pelo medo e pela sensação de impotência.

Recordo-me que quando fiz meu primeiro *graffiti* em 2019, estava em um evento com vários artistas que considero excepcionais. Os sentimentos de impotência, de insegurança, de inferioridade me consumiam de forma intensa. Todavia, me agarrei na ideia de que precisava expressar algo que contemplasse não somente a mim, mas as mulheres como um todo. Pensava na importância e na potência da arte como agente transformador, e desde então esse foi e tem sido meu incentivo para continuar.

Para evidenciar e esclarecer como esses sentimentos de insegurança e medo influenciam as vidas das mulheres, Simone de Beauvoir, em seu livro “O segundo sexo: a experiência vivida”, fala sobre a necessidade de se estudar e compreender o destino das mulheres. Beauvoir (2016, p. 25) afirma:

Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender, e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino.

Ou seja, desde a primeira infância, já existe uma diferenciação entre homens e mulheres e um papel social determinado às mulheres. Para as mulheres, cabe ser controladas, comportadas, passivas, submissas e dependentes. Enquanto para os homens, cabe ser desbravadores, livres, ousados e com espírito de iniciativa.

Compreender que as mulheres vivenciam estas opressões desde a infância, faz uma grande diferença na hora de pensarmos o porquê existem muito mais homens em na cultura urbana do que mulheres.

Entende-se o *Hip-Hop* como um movimento de resistência, de cultura marginalizada, de protesto, de voz ao povo, de força, de luta, de liberdade, de ousadia, de tudo aquilo que mulher é ensinada a não ser. Por isso também, quando dialogamos com homens grafiteiros, fica evidente que seu gosto pelo *graffiti* começa desde muito cedo, o processo criativo é algo presente desde sua infância, a sensação de adrenalina em fazer algo diferente, de se superar, são

coisas que atraem e estimulam uma vivência precoce com a arte urbana, seja em qualquer um dos quatro elementos do hip-hop. Diferentemente da vivência das mulheres, que em sua maioria têm um contato tardio com a arte urbana, justamente por não ser o padrão determinado para mulheres.

A partir disso surgem também as suposições e justificativas do por que uma mulher optou por ser quem é, e é boa no que faz, seja grafiteira, rapper, MC (acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia "eme ci") ou dançarina de *break*. As justificativas geralmente estão correlacionadas ao homem, ou seja, a mulher é tão boa que parece um homem fazendo, ou ela é boa porque quer ser homem, ou em alguns casos, a mulher só faz isso para chamar a atenção de homem, ou por causa de um homem (seja namorado, marido ou qualquer outra relação afetiva). Nunca a razão da sua escolha partiu dela, é sempre colocado como se para ela ser quem é, antes foi necessário um homem.

Todavia é uma visão equivocada, desonesta e machista. Pois ao conversar com as grafiteiras Maitê e Margarida sobre suas trajetórias com *graffiti* e os relatos revelam que elas consideravam importante expressar através de um desenho uma reflexão e um impacto visual nas pessoas, bem como relataram ser essa a ferramenta que encontraram para ser luta e resistência.

Maitê (relato completo no APÊNDICE B) diz que já havia vivenciado a pichação, mas em 2015 no evento “Despertar das Flores”, teve sua primeira atuação no *graffiti*. Ela conta que a reação das pessoas a surpreendeu bastante, assim como por saber que ela quem havia feito o *graffiti*, tanto pelo resultado, quanto por ser uma mulher grafitando. Neste caso, ao mencionar o termo pichação grafado com “x”, Maitê se refere à intervenção paulistana conhecida como *Tag reto*, diferente do termo pichação com “ch” que diz respeito a qualquer escrito. A “pichação” tem um estilo alongado e críptico de escritura que se originou em São Paulo. Seus praticantes são conhecidos como “pixadores” e colocam suas vidas em perigo para alcançar o topo dos edifícios, e não deixam passar em branco nenhuma fachada (LASSALA, 2017).

Sobre o estereótipo de ser “coisa de homem” ou machismos sofridos, Maitê relata que nunca teve problemas com isso. Sempre foi muito bem recebida e as reações em sua maioria foram positivas, mas já aconteceram brincadeiras como “você que fez?” ou coisas neste sentido, todavia, nunca foi algo que a incomodou, pois vê a situação como uma forma de surpreender as pessoas. Para ela, o *graffiti* para ela é uma forma de se desconectar do caos do mundo e se conectar consigo mesma.



Figura 4. Primeira arte da Maitê no evento “Despertar das Flores”, de 2015. Acervo pessoal da autora.

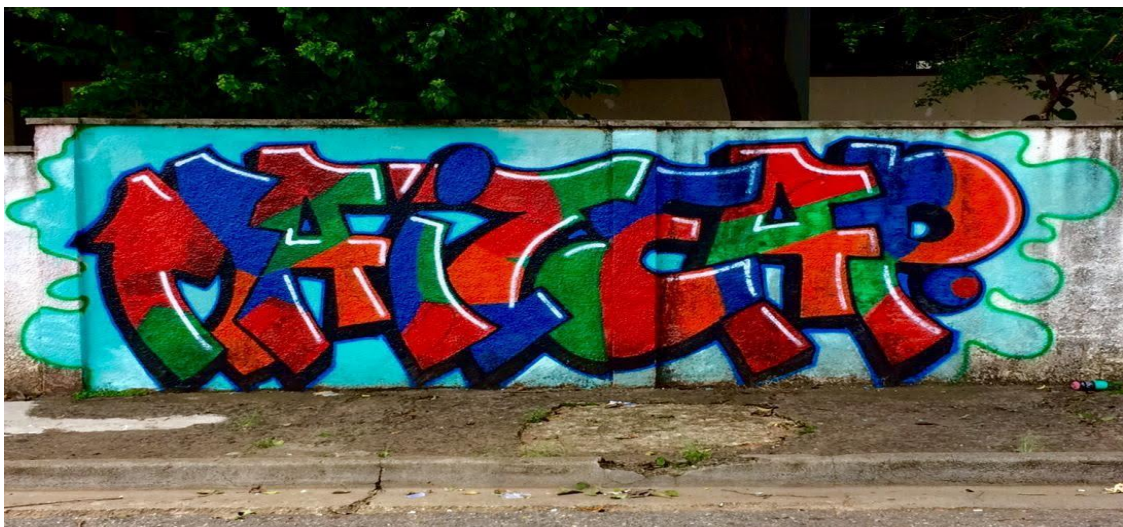


Figura 5. MaitEAP. Acervo pessoal da autora.

Já no relato da artista grafiteira Margarida, mais conhecida como Marga, sua vivência com arte urbana começou em 2008 com zines e viu no *graffiti* uma forma de expandir e abranger mais pessoas com sua arte e vê no *graffiti* a possibilidade de orientar as pessoas para caminharmos para uma sociedade mais solidária e empática. Em sua trajetória como artista grafiteira, relata que já foi muito desmotivada por homens e sofreu com machismos mas sempre usa do diálogo como ferramenta para superar tais situações, bem como, reafirma a importância de ser persistente, pois a arte de rua é para todos, independente do gênero.

Marga é uma mulher que tem sido referência para muitas outras mulheres, é a mulher da cidade de Sorocaba que faz *graffiti* há mais tempo e tem *graffiti* espalhados por diversas cidades do Brasil.



Figura 6. Margarida + amor. Evento Despertar das Flores, 2019. Acervo pessoal da autora.

Em ambos os relatos, vemos que suas trajetórias no universo do *graffiti* nada tem relação com homens, se tratava de um interesse pessoal que passou para um plano concreto de ação, quebrando assim com a ideia equivocada de que para surgir uma mulher no *graffiti*, anteriormente precisava-se de um homem para influenciá-la, e mesmo em casos em que houve alguma influência masculina, não se trata de uma regra.

Desta forma, podemos dizer que a mulher na cena do *graffiti* tem colaborado nos processos de desconstrução de pensamento do que é arte urbana, desmistificando o conceito de que “*graffiti* é coisa pra homem”, assim como tem ressignificado e assumido papel de protagonista da sua arte.

4.5 Qual a importância do *graffiti* na militância feminista

Compreender o que é feminismo o primeiro passo para entender a importância do *graffiti* na militância feminista. Segundo Tiburi (2018), o feminismo pode ser definido “como o desejo por democracia radical voltada à luta por direito daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado”.

E o que seria essa militância feminista? A militância nada mais é do que defender uma causa, no caso da militância feminista, é defender a igualdade de gêneros, compreendendo as injustiças e buscando formas de superar os machismos existentes.

O *graffiti* na militância feminista vem como instrumento de luta e ferramenta de grande valia no combate e denúncia ao machismo estrutural. No *graffiti* encontra-se a possibilidade de posicionamento político e engajamento social e enfrentamento da cultura machista imposta.

Nele, mulheres têm descoberto uma forma de ruptura contra os estereótipos de “coisa de homem/coisa de mulher”, bem como através da arte de rua manifestam-se de maneira crítica e reflexiva, fomentando assim, discussões e questionamentos no que se refere ao lugar da mulher na sociedade.

Por ser um tipo de arte que atende a todos os públicos, independentemente da classe social, raça ou credo, o *graffiti* tem um poder de alcance que favorece muito as mulheres em sua militância. Assumindo assim, um papel de comunicação visual aberto a inúmeras interpretações, contribuindo para a causa feminista no caso das mulheres que o utilizam para tal função social.

Além disso, os *graffiti* femininos, tem se mostrado grandes potencializadores e instrumentos visuais de empoderamento, trazendo não somente mensagens de luta, mas também de afeto e aproximação entre as mulheres.

Várias grafiteiras, e me incluo nessa situação, aproveitam da rua como sendo um museu aberto, para manifestar amor e união entre as mulheres, como o *graffiti* exposto na imagem acima, onde coloco como mensagem “hora de se lembrar que só seu amor próprio sara”.



Figura 7. “Hora de se lembrar que só seu AMOR próprio sara”. Acervo pessoal da autora.

Em outros *graffiti*, mulheres têm se apossado de uma forma de militar e trazer impacto visual às/aos consumidoras/es de sua arte. Panmela Castro é um exemplo disso, inspirando inúmeras mulheres.

Essa artista possui como objeto de pesquisa o corpo feminino em diálogo com a paisagem urbana, a alteridade e as percepções trazidas pelas experiências na rua, na produção de arte pela urbe. Dedicou-se a pensar obras confessionais relacionadas às experiências pessoais de violência e prisão do pensamento binário e heteronormativo.

Originalmente pichadora do subúrbio do Rio de Janeiro, Panmela Castro interessou-se pelo diálogo que seu corpo feminino marginalizado estabelecia com a urbe, dedicando-se a construir performances a partir de experiências pessoais, em busca de uma afetividade recíproca com o outro de experiência similar. Uma experiência muito marcante, relatada em sua biografia disponível em <https://panmelacastro.com/bio-and-curriculos> evidencia a potência do seu trabalho ativista:

Em 2005 começa a se dedicar à pintura mural depois de uma experiência negativa com violência doméstica: foi espancada e mantida em cárcere privado por seu companheiro e essa experiência influenciou definitivamente o caráter político de suas obras.

Ela tem o título de Mestre em processos artísticos contemporâneos pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e já pintou murais por todo o mundo, em instituições ou na rua de cidades como: Rio de Janeiro, São Paulo, Nova York, Miami, Washington DC, Toronto, Quito, Bogotá, Santiago, Valparaíso, Cochabamba, México, Abu-dhabi, Istambul, Jerusalém, Tel-aviv, Madrid, Linares, Paris, Oslo, Londres, Viena, Praga.

Em 2017 pintou o mural *Femme Maison* para a Frestas Trienal de Artes a convite da curadora Daniela Labra. O mural baseado na pintura da artista que é parte do acervo do Urban Nation Museum de Berlim; mostrava duas cabeças femininas entrelaçadas por uma flôr, que acusada de representar uma vagina, escandalizou parte dos conservadores da cidade. Durante 7 minutos o vereador pastor Luis Santos discursou um conjunto de críticas retrógradas (Panmela incorporou o vídeo do discurso como obra) levando o ministério público a mover uma ação contra o SESC Sorocaba que se viu obrigado a apagar a pintura ao final da Trienal. O caso ficou conhecido como um dos primeiros episódios da onda de censura das artes junto ao Queer Museum e a performance La "Betê" no MAM.



Figura 8: “*Antes que a censura apagasse*”. Foto-ensaio do *Graffiti* de Panmela Castro na parede lateral do Palacete Scarpa, em Sorocaba. Lucia Lombardi mediando a visita com um grupo de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura do Mackenzie (S.P.) em 08/11/2017. Fotos cedidas pela orientadora.

Infelizmente em Sorocaba, a artista teve seu *graffiti* apagado, evidenciando assim o quanto o machismo, conservadorismo, censura e opressão se faz presente ainda nos dias de hoje. Panmela Castro também coordena um projeto no Rio de Janeiro, chamado “Rede Nami” e através dele, tem feito um lindo trabalho com outras mulheres, incentivando a fazerem parte do universo do *graffiti*, bem como, em seus trabalhos e projetos em conjunto com outras mulheres, escolhe temas relacionados as opressões femininas para expressar em suas artes.

Além de Panmela Castro, outras mulheres, também estimulam essa militância e trazem em suas artes formas de se comunicar com o mundo e evidenciar nossa causa, portanto e assim posso afirmar, o *graffiti* na militância feminista, não se limita tão somente a questão micro no que diz respeito a aproximação e empoderamento entre as mulheres que fazem a leitura da arte, mas alcança níveis macro, estimulando o debate e a crescente provocação do papel da mulher na sociedade contemporânea.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após muitas leituras, diálogo com outras mulheres grafiteiras, com a orientadora do trabalho e com minha própria experiência enquanto mulher e artista do *graffiti* pude chegar a algumas considerações que considero relevantes para o tema estudado.

Primeiramente, existe a problemática de ser mulher. Na verdade, ser mulher não é o problema, mas sim a forma que a sociedade tratou e trata as mulheres até hoje. Ao compreender os papéis sociais estabelecidos para homens e mulheres, fica claro o quanto o feminismo é necessário e deve ser debatido.

À mulher cabe o desafio de superar o trabalho reprodutivo (doméstico, de cuidados e maternal), para advir ao trabalho produtivo (remunerado). E apesar de hoje as mulheres terem acesso ao trabalho produtivo, o que é uma grande conquista, o trabalho reprodutivo ainda continua a nosso encargo, ou seja, acumulamos trabalho, temos duplas, triplas jornadas, ao compasso que aos homens, não se estabeleceu o trabalho reprodutivo, causando assim, desigualdades e sobrepesos para mulheres que se dispuseram a adentrar no mundo do trabalho produtivo.

Um segundo ponto que foi levantado dentro dos desafios da mulher artista, é a desvalorização da arte enquanto trabalho. Existe uma hipervalorização de algumas áreas de atuação, em contraponto outras como o campo da arte, além de desvalorizadas, por vezes não são entendidas como trabalho.

E por último, atuar como artista em um ambiente urbano e hostil também compõe os desafios de uma grafiteira. O medo de estar sozinha, a insegurança de estar em um lugar aberto sem o conhecimento de quem está passando naquele local e sem saber a intencionalidade de quem está ou passa nas ruas cujas quais estamos em atuação, faz com que seja também um desafios para as artistas do *graffiti*.

Portanto, cabe dizer que os desafios são inúmeros. Ser mulher, ser artista e ser grafiteira é desafiador, entretanto, são desafios que valem a pena, na medida em que estamos lutando por uma sociedade melhor, mais igualitária e anticapitalista.

Fico imensamente feliz pelo resultado da pesquisa, por saber que mesmo com tantos desafios, ainda somos resistência, ainda estamos ocupando espaços que são nossos por direito, e estamos alcançando, incentivando, educando outras mulheres para serem resistência.

Rzo já dizia “o *graffiti* na parede já defende algum direito” e estamos colocando isso em prática, em cada *graffiti*, em cada frase escrita, em cada protesto em forma de arte, ainda que com muitos desafios, juntas, somos melhores.

6. REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Sissa Aneleh Batista de. **A mulher e a arte urbana amazônica: O grafite feminino de Drika Chagas**. Estúdio, Lisboa, v. 3, n. 5, p. 86-90, jun. 2012 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582012000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 set. 2019.

BALDISSERA, Marielen. Barraqueiras e heroínas: escritos feministas nas ruas de Porto Alegre. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 25, n. 55, p. 179-208, Dez. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000300179&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 Maio 2020.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (orgs.). *Mulheres não devem ficar em silêncio: Arte, Design, Educação. São Paulo: Editora Cortez, 2019.*

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**, volume 2; tradução Sérgio Milliet. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRASÍLIA. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em 06 jan. 2020.

BRASÍLIA. **Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm#art6. Acesso em 06 jan. 2020.

COUTINHO, Andréa Senra; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Artes visuais e feminismos: implicações pedagógicas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 181-190, Apr. 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000100181&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 Maio 2020.

FIGUEIREDO, A. L. S. ; LOPES, R. S. . **Mulheres e o Urbano: apreensão do graffiti na região metropolitana de São Paulo.** In: 4º Seminário de Acompanhamento do Programa de Pós-Graduação e Arquitetura e Urbanismo do IAU/USP, 2017, São Carlos. Anais do Seminário de Acompanhamento do Programa de Pós-Graduação e Arquitetura e Urbanismo do IAU/USP, 2017. v. 1. p. 163-166. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0Bxp3SQ8jv9HBb1FHS3IHWUdUd2s/view>. acessos em: 29 jul. 2019

FIGUEIREDO, Ana Luísa Silva; LOPES, Ruy Sardinha. **Mulheres no graffiti: perspectivas da prática em contexto metropolitano.** 2019. Universidade de São Paulo, São Carlos, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-09092019-092839/> >acessos em 16 set. 2019.

FIGUEIREDO, Ana Luísa; LOPES, Ruy Sardinha. **O que se fala quando se pinta: narrativas grafiteiras da metrópole de São Paulo.** Anais.. São Carlos: IAU-USP, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/124rWKtXzyzfJqzcm7YF6-9Wfs2yinTi/view>. acessos em 29 jul. 2019.

GANZ, Nicholas. **Graffiti: Arte urbano de los cinco continentes.** 1. ed. – Barcelona: Gustavo Gilli, 2004.

GITAHY, Celso. **O que é o graffiti**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. E-book. Disponível em: <<https://ler.amazon.com.br/?asin=B074JK65NG>>. Acessos em 15 set. 2019.

LASSALA, Gustavo. **Pichação não é pixação**: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. – 2. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Altamira Editorial, 2017.

MAGRO, M. M. Viviane. **Meninas do graffiti**: educação, adolescência, identidade e gêneros culturais juvenis contemporâneas. 2003. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/252961/1/Magro_VivianeMelodeMendonca_D.pdf> . Acessos em 07 jan 2020.

MAUS, Lilian (org.) *A palavra está com elas*: diálogos sobre a inserção da mulher nas artes visuais. Entrevistas por Isabel Waquil; tradução de Jéssica Preuss; Letícia Arais Lopes, (projeto gráfico) e Fabiana Faleiros, (ilustração) e foto de capa de Fábio Del Re, obra “Cabeças de Boneca”, de Lia Menna Barreto. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2014.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora / Publication Studio SP, 2016. Disponível em: <<http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>>. Acessos em 08 jan. 2020.

PEREZ TORRES, Natalia. Nem anônimas nem invisíveis: cidade e mulheres escritoras de graffiti. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 25, n. 55, p. 243-262, Dez. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000300243&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Maio 2020.

RAHE, Nina. Mulheres ainda são minoria na arte? In: Revista Bravo. São Paulo, Editora Abril, São Paulo, no 189, Maio 2013. Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/materia/mulheres-minoria-na-arte#image=capa-189-frida-kahlo>

SEQUEIRA, Ágata Dourado. As mulheres que pintam na cidade: Representações de gênero na arte urbana. **Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher**, Lisboa, n. 40, p. 41-60, dez. 2018. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852018000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 jul. 2019.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, Abril. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 Jan. 2020.

DOCUMENTOS E IMAGENS DE ACESSO EXCLUSIVO EM MEIO ELETRÔNICO/REDES SOCIAIS

Biografia Pannela Castro. Disponível em: <https://panmelacastro.com/bio-and-curriculos>

Acesso em: 22/04/2020in

Coletivo Guerrilla Girls. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/2017-frestas>

Grafites de Deisy Siqueira. Disponíveis em: @af.dsy Arte Feminista.

<https://www.instagram.com/af.dsy/>

Sandra Fabara/Lady Pink. Disponível em: www.nemrudenemdelicada.com.br

7. APÊNDICES

APÊNDICE A – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ (nome completo), R.G. _____, artista autônoma do grafitti, autorizo a utilização das fotos dos meus trabalhos artísticos e respostas escritas e faladas para a escritura do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) denominado “Principais desafios para a mulher artista do grafitti”, da estudante Deisy Daniela Santos Siqueira, orientada pela Prof^a. Dr^a. Lucia M. S. S. Lombardi, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Sorocaba, 22 de Maio de 2020.

Assinatura

APÊNDICE B - ENTREVISTAS

Entrevista com a Maitê:

1. Quando e como você começou a grafitar? O que pode nos contar sobre sua trajetória como artista?

Comecei em 2015! Já tinha conhecimento e envolvimento com pixação, mas não era algo que envolvia cores. Sempre observei, mas achava que era algo muito distante para executar um dia, até que vi uma publicação sobre o “Despertar das Flores”, um evento que doando alimento é reservado um espaço para pintar. Não obrigatoriamente, mas a ideia é contribuir, e foi então que veio a surpresa: Pensei que estava ajudando e mal sabia que a ajuda maior viria a partir daquele dia e para mim. Naquele dia desenvolvi um desenho com todos os detalhes, sem pressa, eu estava ali para aquilo e naquilo me dediquei das 9h até às 18h sem parar, nem mesmo para comer, o interesse era tanto que eu só queria ver terminado! Foi um dia sensacional, que jamais esquecerei.

2. Quais suas inspirações ou referências para desenvolver um *graffiti*?

Sempre pesquiso coisas aleatórias e faço um recorte meu dentro de tudo que vejo e me interessa, como vejo muita muita muita coisa, não consigo me lembrar de uma inspiração ou referência específica. Algumas não se tratam de trabalhos literalmente falando, mas de pessoas e o que elas me trazem enquanto estamos pintando juntos e pelas vivências. Para mim, é uma forma de me desconectar do caos do mundo e me conectar consigo mesma.

3. Mais mulheres têm conquistado espaço na cultura do hip-hop, porém ainda somos minoria, inclusive no *graffiti*. Você sente que para as mulheres é mais difícil se envolver no *graffiti*? Já sofreu ou percebeu machismo nesse ambiente?

Acredito que isso tem muito mais a ver do quanto você se dedica e os riscos que está disposta a correr se envolvendo, pensando pelo lado de que a aceitação não seja cogitada, até porque dependendo é algo que acontece na calada, ou seja, se for ilegal, não deve ser visto sendo feito, muito menos aprovado. Quanto à relação de ter sofrido machismo, não que eu lembre. Muito pelo contrário, levo para o lado bom a reação das pessoas que desacreditam ao ver um trabalho meu finalizado e fico feliz em saber que supero as expectativas.

Entrevista com a Marga:

1. Quando e como você começou a grafitar? O que pode nos contar sobre sua trajetória como artista?

Comecei no *graffiti* (2008) através do movimento anarquista, e o Hip-Hop sempre esteve presente em minha vida, escrevi Zines, e com isso, percebi que poderia expandir as ideias através do *graffiti*, sendo esta uma forma de expressão mais livre e abrangente na sociedade.

2. Quais suas inspirações ou referências para desenvolver um *graffiti*?

Minha inspiração é a vida, é a injustiça, e o que eu expesso, é o protesto. A desigualdade social é muito grande, e em uma sociedade capitalista, é necessário TENTAR orientar as pessoas, para que elas consigam ter empatia pelo próximo, e ser solidarias.

3. Mais mulheres têm conquistado espaço na cultura do hip-hop, porém ainda somos minoria, inclusive no *graffiti*. Você sente que para as mulheres é mais difícil se envolver no *graffiti*? Já sofreu ou percebeu machismo nesse ambiente?

Sim, é mais difícil as mulheres interagir com esse meio, porque essa cultura já é vista como masculina, e os próprios homens desmotivam as mulheres a iniciar, a força tem q vir do interior de cada uma, e assim uma rede se forma, e com isso, uma apoia a outra. Já sofri muito na cena, mais acredito na educação, quando sofro com machismo, coloco isso bem claro para pessoa na hora, para q ela compreenda o erro que cometeu, e se compreende, vai refletir e assim eu espero que mude o comportamento, e a persistência por ocupar um espaço que também é meu é maior, e vou continuar a incomodar quem não gosta, e a fortalecer quem quer q seja independente o gênero.